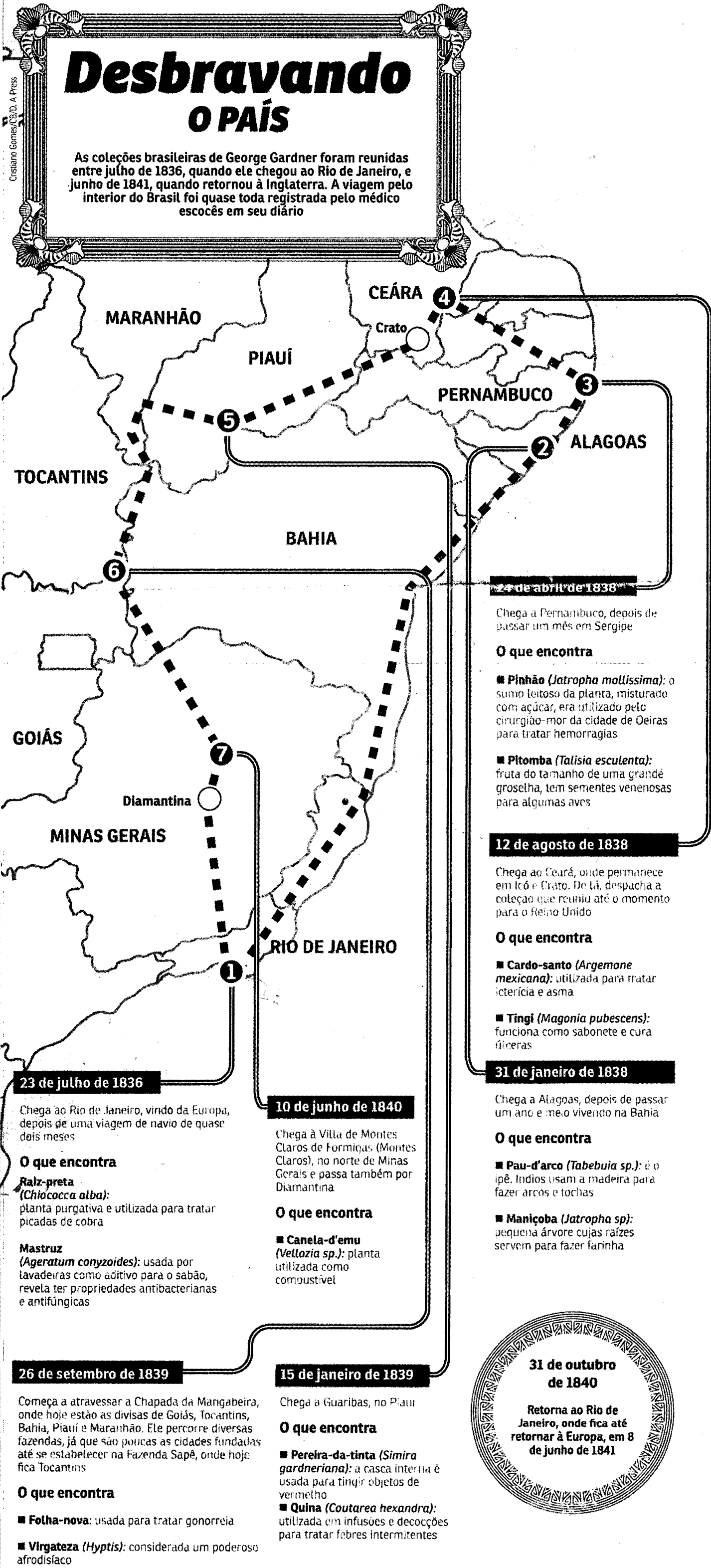


A natureza do Brasil imperial

No século 19, o naturalista George Gardner percorreu o país colhendo plantas nativas usadas pelas comunidades do interior. Agora, pesquisadores da UnB e da UFMG se debruçam sobre esse rico acervo, que pode revelar substâncias úteis à medicina

Desbravando O PAÍS

As coleções brasileiras de George Gardner foram reunidas entre julho de 1836, quando ele chegou ao Rio de Janeiro, e junho de 1841, quando retornou à Inglaterra. A viagem pelo interior do Brasil foi quase toda registrada pelo médico escocês em seu diário



» ISABELA DE OLIVEIRA

Em pleno século 19, quando as cidades do Brasil eram apenas um esboço no antigo mapa nacional, um médico escocês de vinte e poucos anos foi convidado pela Coroa portuguesa para investigar riquezas que, àquela altura, o Império já percebia como abundantes no país: os recursos naturais. O nome do cientista era George Gardner, o primeiro a aceitar o desafio de adentrar o país para identificar as plantas usadas por comunidades remotas daquele tempo.

Padres jesuítas foram pioneiros no registro de dados sobre o uso dos vegetais nativos e, ainda no século 17, o médico e naturalista holandês Guilherme Piso organizou o primeiro livro sobre as ervas medicinais dos ameríndios. A obra serviu como principal fonte de informações sobre a biodiversidade brasileira até o início do século 19, quando a família real se mudou para o Rio de Janeiro, temendo a invasão de Portugal por Napoleão Bonaparte. Gardner, contudo, foi pioneiro na investigação dos conhecimentos dos habitantes do interior, um trabalho que seria continuado depois por outros naturalistas europeus.

Entre julho de 1836 e junho de 1841, o escocês — que tinha apenas 24 anos no início da viagem — listou e colheu diversas espécies e seus vários usos. A expedição rendeu dois livros — *Catálogo de plantas brasileiras* e *Viagens pelo interior do Brasil* — e uma rica coleção, guardada hoje nos Reais Jardins Botânicos de Kew, no Reino Unido. É lá, sob cuidado britânico, que mais de 60 mil espécimes de plantas e insetos brasileiros estão preservados. Enquanto muitas ainda são desconhecidas pelos próprios brasileiros, outras nem existem mais. Há, entretanto, esforços para que dados tão ricos retornem ao país.

Um dos trabalhos mais recentes nesse sentido foi publicado na revista especializada *Journal of Ethnopharmacology*, produzido por pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O primeiro autor, Cristopher Fagg, é professor da UnB no campus de Ceilândia. Inglês, ele executou o projeto, indo até Londres para estudar detalhadamente os manuscritos de Gardner. Do Brasil, o trabalho foi articulado por Maria das Graças Lins Brandão, coordenadora do Centro Especializado em Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas da UFMG. O trabalho faz parte de um projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais (Fapemig).

Eficácia confirmada

“Tudo isso é importante porque, quando esses pesquisadores vieram ao Brasil, ainda existiam florestas e cerrado em pé, e o povo usava muito as plantas nativas. A nossa fitoterapia de hoje, entretanto, deriva de plantas de fora, como hortelã e capim-santo. É um contrassenso porque temos essa riqueza toda, mas o próprio brasileiro não aproveita”, avalia a pesquisadora.

No estudo, um total de 63

plantas listadas por Gardner foi levantado. Trinta e seis usos tradicionais diferentes — como purgantes ou tratamento para queixas venéreas — foram encontrados. Menos de 50% desse acervo foram cientificamente estudados. Os exemplares investigados, entretanto, tiveram a eficácia relatada por Gardner confirmada.

Uma das espécies descritas pela primeira vez é a *Cattleya walkeriana Gardner*, orquídea encontrada em Minas Gerais e nomeada em homenagem a Edward Walker, ajudante de campo do pesquisador escocês. Outra é a *Schlumbergera russelliana*, a flor-de-maio, presente em quase todos os jardins do país. Foi coletada pelo europeu em sua estada no Rio de Janeiro, mais especificamente na Serra dos Órgãos, em Teresópolis.

George Gardner era um naturalista e cirurgião muito bem qualificado. Depois de chegar ao país, passou por Bahia, Pernambuco, Alagoas, Ceará, Piauí, Minas Gerais e Goiás. Ele estudou a fauna e a flora, a história e a geografia brasileiras, além de analisar hábitos das populações. Sem médicos disponíveis, essas comunidades se tratavam exclusivamente com plantas. “E funcionava, porque tudo de ruim saía. Isso significa que essas plantas têm substâncias químicas que têm algum proveito”, afirma Maria das Graças Brandão.

Viagem refeita

Segundo Carolyn Elinore Barnes Proença, professora do Departamento de Botânica da UnB e estudiosa de Gardner, a rota percorrida por ele era muito rica de informações. A pesquisadora desenvolve, no Distrito Federal, o Projeto Re flora, que visa reunir informações sobre plantas coletadas nos séculos 18, 19 e 20 e depositadas em herbários fora do país. A ideia do programa é fazer uma repatriação digital dos dados coletados no Brasil antes de 1960 e, depois, inseri-los no Herbário Virtual Autenticado de Espécies da Flora do Brasil.

“Até então, havia muita informação sobre a biodiversidade do Brasil que não era duplicada aqui. Mas, hoje em dia, a lei exige que esse material fique quando é coletado por um pesquisador de fora, que precisa ser acompanhado por um brasileiro. São regras que naquela época ainda não existiam”, explica Proença. Ela e equipe refizeram o trajeto de Gardner entre Crato (CE) e Arraias (TO), que na época era parte de Goiás.

O cientista escocês não chegou a passar no território onde hoje fica o Distrito Federal, mas esteve bem perto, a 100km, no Sítio d'Abadia (GO). De lá, seguiu até Unaí (MG). A viagem dos pesquisadores da UnB foi filmada e será exibida em uma exposição prevista para este ano no Jardim Botânico de Brasília. Nella, os visitantes poderão conhecer o roteiro e as plantas coletadas por Gardner. A data ainda não foi definida. Segundo Proença, não há imagens do médico e naturalista, que morreu jovem, em 1849, provavelmente devido a danos no cérebro surgidos anos antes, num acidente de equitação, quando ele estava perto de Barra do Jardim (CE).